

Nuclearização da RAS é fogo nas mãos de um louco

— Joaquim Chissano na ONU N. 17/6/82

«A posse de tecnologia nuclear pela África do Sul torna-se um perigo para a paz e segurança internacionais. É como fogo nas mãos de um louco», disse o Ministro dos Negócios Estrangeiros da RPM, Joaquim Chissano ao discursar segunda-feira em Nova Iorque, na 2.ª Sessão Especial da Assembleia-Geral da ONU consagrada ao Desarmamento.

No seu discurso nesta sessão especial da ONU, cujos trabalhos continuam a decorrer, Joaquim Chissano fez primeiramente uma análise retrospectiva sublinhando que o diálogo iniciado na década de 70 foi sufocado à sua nascentia e substituído por uma linguagem de força, uma linguagem de guerra fria.

Desta análise do Ministro dos Negócios Estrangeiros salientamos os seguintes pontos:

- A medida que o imperialismo desenvolvia o seu poderio militar subia o tom das suas ameaças e aumentava os actos de agressões contra os povos engajados na luta por uma verdadeira independência política e económica.

- A questão das armas nucleares não é apenas uma questão das potências nucleares, ou de superpotências: não devemos nos harmonizar com as teorias segundo as quais seria possível fazer uma guerra nuclear limitada.

- A corrida aos armamentos, a ganância da indústria belicista por lucros fabulosos alimentam a guerra e contrariam os esforços dos povos para a conquista da sua liberdade e para a construção da sua felicidade.

- Ao atacar militarmente os países da Linha da Frente o regime do «apartheid» visa impedir a consolidação política e económica dos nossos países e obrigar-nos a retirar o nosso total e incondicional apoio à luta de libertação nacional em que estão engajados os povos da Namíbia e da África do Sul.

- Em consequência destes ataques, os países desta região são obrigados a armar-se cada vez mais... As nossas armas destinam-se a garantir que os nossos filhos não sejam barbaramente massacrados, como acontece com os milhares de crianças sul-africanas que são sistematicamente dizimadas pelo regime do «apartheid».

- O desarmamento em África passa necessariamente pela erradicação

do colonialismo, do neocolonialismo, do «apartheid» e do imperialismo. O apoio material, político e diplomático aos movimentos de libertação é uma componente essencial da luta pelo desarmamento e pela paz... Enquanto houver oprimidos não poderá haver paz.

- A proibição do uso da força, de modo nenhum significa aceltar a opressão e exploração. O direito à autodeterminação e à independência dos povos é um direito sagrado que não pode ser posto em causa. Para a sua materialização e em sua defesa os povos têm o direito de usar todos os meios ao seu alcance incluindo a força.

- No domínio das armas nucleares não se verificou nenhum avanço nas negociações, quer multilaterais, quer regionais ou bilaterais. Pelo contrário, o imperialismo decidiu aumentar quantitativa e qualitativamente o seu poderio militar.

- O programa de acção adoptado na 1.ª Sessão Extraordinária foi completamente torpedeado, afastando para cada vez mais longe a hipótese do estabelecimento rápido de um clima de paz, sem o qual não é possível elaborar uma estratégia que garanta o progresso das Nações.

- Hoje produzem-se ainda novos arsenais nucleares com maior poder de destruição cuja utilização não deixará marcas no homem, pela simples razão que não sobreviverão homens para se recordarem.

- No domínio das armas de destruição massiva incluindo as armas químicas não se verificou, igualmente, qualquer progresso. Aqui também, intencionalmente o imperialismo realiza manobras dilatórias visando ganhar tempo para que se concretize o seu plano de produção de tais armas. Isto dentro da sua tradicional estratégia de negociar a partir de uma posição de força e de vantagem militar.

- Os amantes da guerra preocupam-se em aperfeiçoar os instrumentos de morte, procurando obstruir cada vez mais os meios da sua detecção. É neste âmbito que desenvolveram a tecnologia das armas químicas binárias de elevado teor tóxico.

- O espaço e os fundos marinhos constituem um património da huma-

nidade e devem ser utilizados em prol do desenvolvimento científico, técnico das nações, por forma a garantir que todos os homens tenham o pão, educação, saúde, numa palavra: bem-estar material e social.

- Cresce a indústria de guerra das grandes potências militares, no entanto a industrialização dos países em desenvolvimento, que carecem de bens essenciais para os seus cidadãos retrocede, ou, quando muito, estagna.

- O fim da corrida aos armamentos, o desarmamento geral e completo, a canalização dos recursos para fins exclusivamente produtivos e sociais são a condição «sine qua, non» para o sucesso da terceira década das Nações Unidas para o desenvolvimento.

- A conclusão de um tratado visando a interdição completa de ensaios de armas nucleares... Por outro lado, aos estados não nucleares deve-se garantir a segurança para que não sejam vítimas da utilização ou da ameaça de utilização de armas nucleares.

- A criação de zonas isentas de armas nucleares... Esperamos que o Continente Africano e o Oceano Índico venham a tornar-se em zonas efectivamente isentas de armas nucleares.

- O desarmamento e a paz no Oceano Índico implica o desmantelamento das bases militares aí instaladas e a retirada total das forças estacionadas na área.

- Ao assinarmos a Carta das Nações Unidas reconhecíamos que à nossa organização estava cometida a responsabilidade primeira de manter a Paz e a segurança internacionais. Assim, retirar a discussão da problemática do desarmamento do âmbito das Nações Unidas é ir contra o preceituado na Carta que nos orienta.

- A terminar o Ministro Joaquim Chissano sublinhou o papel que a ONU deve ter neste movimento mundial.

— A cada um de nós representados nesta sessão, cabe a responsabilidade de responder positivamente aos anseios e clamores de centenas de milhões de seres humanos que lá fora gritam: Não à corrida aos armamentos! Não à bomba de neutrões! Não à guerra!